

José Eduardo Agualusa

O Livro dos Camaleões

Contos

 QUETZAL língua comum | José Eduardo Agualusa

A primeira noite



NA PRIMEIRA NOITE DO RESTO DA MINHA VIDA olhei para mim, a partir de algum ponto situado muito acima, e achei-me triste e sem destino, como uma lagosta no aquário de um restaurante. Uma água turva e fria flutuava sobre a cidade, prendia-se aos cabelos e aos gestos, embaraçava o mais simples raciocínio. A multidão, animada por um DJ angolano, um homem enorme e alegre, chamado Papa Boringô, dançava aos encontrões sob um enorme toldo de plástico. Os ritmos tropicais pareciam deslocados, como um filme de terror com a banda sonora de uma comédia romântica.

– Não há nada mais deprimente do que a alegria dos tristes – comentei alto.

Não me dirigia a ninguém em particular. Muitas vezes falo alto comigo mesmo. Antigamente seria dado como maluco. Hoje pensam que estou a falar ao telemóvel. Disse isto enquanto me arrastava em direção ao bar, uma lagosta triste, num aquário cheio de lagostas.

– A alegria nunca é fácil. A felicidade ainda menos.

Voltei-me. Uma rapariga alta e loira sorria para mim. O cabelo escorria-lhe sobre os ombros como se tivesse acabado de sair da água, uma náufraga entre náufragos, uma lagosta tropeçando noutras lagostas. Reparei ainda com mais cuidado. Seria uma náufraga não fosse pelo brilho dos olhos. Não eram olhos de náufraga. Não eram olhos de uma lagosta presa num aquário. Naquela noite só os olhos da rapariga loira estavam em sintonia com os ritmos tropicais.

– Dandára – disse. – Chamo-me Dandára.

Papá Bolingô interrompeu a música e começou a contar os segundos que faltavam para o ano terminar. Tinha uma voz poderosa, quente, um forte sotaque angolano. O céu iluminou-se em largos borrões azuis, vermelhos, amarelos, que logo alastraram pelas margens húmidas da noite como numa aguarela. Pombas esvoaçavam em pânico. Dandára sorriu:

– Não trouxe passas?

– Pior, não trouxe desejos.

– Toda a gente tem desejos – disse Dandára. – Mas se quiser dou-lhe uma dúzia das minhas passas e uma dúzia dos meus desejos.

– Isso vale?

– Claro! – Tirou da bolsa um pacote de passas, abriu-o e ofereceu-me algumas. – No primeiro dia do ano vale tudo. Ao contrário de você, eu sofro de um excesso de desejos. Convém-me imenso um desejador de aluguer.

Disse-me que fechasse os olhos e me concentrasse. Depois foi-me ditando os desejos. Os cinco primeiros pareceram-me um pouco surpreendentes, sim, mas ainda humanos. O sexto tirou-me o fôlego. Abri os olhos e ela estava diante de mim, com a testa franzida num esforço de concentração. Vi sobre nós o céu em convulsão, o desesperado alvoroço das pombas.

– Não posso desejar uma coisa dessas – protestei. – É impossível.

– Concentre-se – disse ela. – Tem de se concentrar. Vai ver que consegue.

Para formular os desejos seguintes concentrei-me tanto que deixei de escutar o ruído em volta. Quando reabri os olhos o céu era de novo um oceano compacto e escuro, e a multidão voltara a entregar-se, com renovado furor, aos ritmos tropicais. O ar continuava encharcado, frio, mas agora a música já não me parecia um equívoco. Dandára conseguiu furar até ao balcão do bar. Regressou pouco depois carregando em triunfo duas latas de cerveja.

– O tempo vai reiniciar – disse-me. – Daqui a pouco amanhece e será a primeira manhã do mundo. Você pode fazer o que quiser com ela. Somos aquilo que acreditamos ser.

– Talvez o meu problema nem seja a falta de convicção, talvez, simplesmente, eu não saiba em que acreditar.

Enquanto conversávamos dei por mim a imaginar planos. Tantos projetos. Tanto futuro a inventar. Dandára ouvia-me, sem conseguir conter o riso:

– Se você me der um pouco do seu futuro, eu dou-lhe um pouco do meu passado.

Terminou de beber e foi dançar. Segui-a. Era um esforço inglório, como dançar numa pista de patinagem, sem os patins e sem a prática de patinar. Felizmente a multidão estava tão concentrada que ninguém conseguia cair. Achei que se poderia retirar dali uma lição revolucionária – *unidos não cairemos!* Fui à procura de Dandára para lhe dar conta da minha descoberta, mas ela desaparecera. Levei alguns minutos até conseguir romper o apertado círculo dos dançarinos. Ainda a vi parada no passeio, de braço erguido, a chamar um táxi. Tinha colocado uma boina vermelha. Ali ao fundo, muito direita, estava para a turba como um ponto de exclamação num texto confuso e fastidioso.

Fui procurar alguém que tivesse passas. Ocorrera-me um desejo. Mesmo sendo o décimo terceiro, mesmo estando ligeiramente fora de prazo, era meu, apenas meu, e talvez ainda funcionasse.